

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA**

TARCÍSIO MARTINS DE OLIVEIRA

A QUESTÃO DO RESENTIMENTO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

São Paulo

2021

TARCÍSIO MARTINS DE OLIVEIRA

**A QUESTÃO DO RESSENTIMENTO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE**

Monografia apresentada ao Centro de Educação,  
Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, como parte dos requisitos exigidos para a  
conclusão do Curso de Licenciatura Plena em  
Filosofia.

ORIENTADORA: Profa. MS. Ângela Zamora Cilento de Rezende

São Paulo

2021

## DEDICATÓRIA

À minha esposa, pelo constante incentivo e apoio, e aos meus filhos pela compreensão da ausência para a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Senhor Jesus que é Cristo, por me suprir de ânimo durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

À Professora e Doutora Ângela Zamora C. de Rezende pela amizade, carinho, compreensão, orientação ao longo de todo o curso, bem como, pela correção e direção quanto aos caminhos de pesquisas que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos professores do curso de filosofia pelo aprendizado que me possibilitaram durante todas as etapas do curso de Licenciatura em Filosofia, o que colaborou em grande parte para que esse objetivo fosse alcançado.

Ao meu amigo Nehemias Bandeira pelas leituras compartilhadas, trocas de informações, revisão e pelas críticas feitas à minha pesquisa que tanto me trouxeram clareza de entendimento.

## RESUMO

No presente artigo, pretende-se realizar uma investigação do papel do ressentimento na criação de valores e suas implicações para a saúde do homem. Para Nietzsche, o ressentimento não é apenas um sentimento, mas sim, um fenômeno sociopsicológico, no qual seres humanos incapazes de lidar com a própria fraqueza, alimentam dentro de si sentimentos negativos em decorrência de sua finitude frente à própria existência. Como um filósofo/psicólogo Nietzsche analisa a influência e as consequências do ressentimento sobre a moral moderna, sobre o indivíduo e à sociedade. Este trabalho segue o mesmo percurso percorrido pelo nosso autor: fez-se preliminarmente uma análise da dupla origem dos valores morais; em seguida pretendeu-se fazer um levantamento do perfil psicológico do “tipo senhor” e do “tipo escravo” e suas características e, por fim, uma abordagem nietzschiana sobre os impactos do ressentimento para a sociedade e seu projeto filosófico de superação do ressentimento – a grande saúde. Tendo como base os apontamentos trazidos pelo filósofo alemão, o presente artigo busca compreender os significados e os desdobramentos do ressentimento sobre a saúde do homem e sobre todo o processo civilizatório.

**Palavras-chave:** Moral. Ressentimento. Saúde. Cultura.

## **ABSTRACT**

In this article, we intend to carry out an investigation of the role of resentment in the creation of values and its implications for human health. For Nietzsche, resentment is not just a feeling of the individual, but a socio-psychological phenomenon, in which human beings incapable of dealing with their own weakness, nurture negative feelings within themselves as a result of their finitude towards their own existence. As a philosopher/psychologist Nietzsche analyzes the influence and consequences of resentment on modern morality, on the individual and on society. This work follows the same path taken by our author: a preliminary analysis of the dual origin of moral values was carried out; then, it was intended to make a survey of the psychological profile of the “master type” and the “slave type” and their characteristics and, finally, a Nietzschean approach on the impacts of resentment on society. Based on the notes brought by the German philosopher, this article seeks to understand the meanings and consequences of resentment on human health and on the entire civilizing process.

**Keywords:** Moral. Resentment. Health. Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O MÉTODO GENEALÓGICO: A DUPLA ORIGEM DOS VALORES .....</b>	<b>10</b>
1.1 A MORAL DOS NOBRES .....	15
1.2 A MORAL DOS ESCRAVOS .....	16
1.3 O PERFIL PSICOLÓGICO DO NOBRE E DO ESCRAVO.....	19
<b>CAPÍTULO 2 – O RESSENTIMENTO: NIETZSCHE COMO PSICÓLOGO E MÉDICO DA CIVILIZAÇÃO .....</b>	<b>22</b>
2.1 O TERMO “RESSENTIMENTO” .....	23
2.2 RESSENTIMENTO: CRIADOR DE VALORES .....	25
2.3 RESSENTIMENTO, DOENÇA E FILOSOFIA .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

O tema do ressentimento ocupa um papel de destaque na obra de Nietzsche, principalmente, no que tange à crítica aos valores morais da modernidade. Mesmo sabendo que Nietzsche não tenha sido o primeiro intelectual a teorizar sobre o ressentimento, em sua filosofia, no entanto, o conceito assume novos sentidos a ponto de se tornar referência necessária para quem quer estudar o assunto. Em sua arte de lapidar com um martelo, o filósofo alemão investiga a origem da moral e os conflitos intrínsecos a ela, questionando a essência dos valores a partir de uma metodologia genealógica, na qual o ressentimento assume um papel fundamental.

Este trabalho segue o seguinte percurso: faz-se preliminarmente uma análise da dupla origem dos valores morais; em seguida pretende-se fazer um levantamento do perfil psicológico do “tipo senhor” e do “tipo escravo” e suas características e, por fim, faz-se uma abordagem de Nietzsche como psicólogo e médico da civilização e os impactos do ressentimento para a sociedade.

Na primeira parte pretende-se abordar a importante noção da formação da moral como um processo de luta entre forças. Apresenta-se o que seria um exemplo de erro das origens da moral em especial no que tange ao chamado erro da causalidade imaginária. Tal engano consiste em acreditar que entidades como a vontade, o “eu” e a consciência teriam um poder de causalidade. A origem do erro, não obstante, remete às primitivas crenças na liberdade humana, que concebe o “eu” como entidade superior e distinta do corpo. No entanto, segundo Nietzsche, tudo advém da própria crença na gramática, a qual fomenta explicações na forma sujeito / objeto.

Ainda se pretende na primeira parte do trabalho fazer uma investigação sobre a composição orgânica do homem e da explicitação de como realizou o ‘salto’ de sua mera condição biológica para se tornar um ser de cultura; buscou-se analisar a origem do processo formativo do homem, em sua ‘pré-história’, ou seja, a formação da memória, do nascimento da memória-da-vontade e da moralidade do costume fazendo com que o homem se tornasse um ser responsável pela palavra empenhada. Mostrando que na relação memória x esquecimento o paradoxo do homem se desvela e aponta igualmente para a origem do ressentimento.

Faz-se ainda uma análise dos valores e a origem o juízo de valor “bom” e “mau”, compreendendo que os valores nem sempre são impostos pelos mais fortes aos mais



fracos, antes, segundo Nietzsche a moral é invenção dos mais fracos, sendo que as noções de bom e mau funcionam como uma vingança imaginária contra os mais fortes, agindo como mecanismo de domesticação dos homens.

No capítulo 2, ao problematizar esta vingança espiritual dos fracos em relação aos fortes, busca-se compreender a ideia do ressentimento e os mecanismos propostos por Nietzsche para superação do mesmo. Para que tal inserção se dê, apresenta-se o caráter paradoxal da condição humana, visto que o ressentimento surge da impotência da vontade humana confrontada com sua finitude.

Nietzsche vê nos idealismos criadores de mundos metafísicos a constituição fraca e incapaz do homem em assumir o mundo em sua mais dura realidade um sintoma do ressentimento. Ou seja, para Nietzsche, todo idealismo é sintoma de uma constituição fisiopsicológica de quem o faz. Assim, tomando a si próprio como experimento de sua filosofia, usa sua própria doença como fator atestador de sua teoria – é possível ter a doença sem, contudo, estar doente. Nietzsche sofre seu estado e sua dor sem deixar-se ser envenenado pelo ressentimento, pela amargura, pela tristeza, pela depressão, que são sintomas típicos de um sujeito ressentido com seu destino. Pois pior que a doença em si, é a incapacidade de saber lidar com ela.

Assim, faz-se a análise sobre ressentimento, vingança e niilismo a fim de aprofundar a importante questão do ressentimento e apontar não como evitá-lo, mas como vivenciá-lo e superá-lo.

## CAPÍTULO 1 - O MÉTODO GENEALÓGICO: A DUPLA ORIGEM DOS VALORES

Nietzsche dedicou uma grande parte de sua jornada filosófica buscando entender o problema da moral. Uma pergunta tornou-se referente para sua pesquisa: “qual era definitivamente a origem de nossa ideia do bem e do mal?”.

A princípio, a solução proposta para seu problema da origem da moral residia em Deus, como causa tanto do bem como do mal. Porém, à medida que amadurecia sua pesquisa, aprendeu a distinguir o conceito teológico do antropológico. A partir daí, fez uma ruptura de investigação e como ele mesmo disse: “me decidi não procurar mais a origem do mal para além do mundo”<sup>1</sup>. (GM/GM. Prólogo 3, p. 20). Consequentemente, seu problema de pesquisa o conduziu a um outro problema investigativo, a uma série de outras perguntas, tais como: “em que condições o homem inventou essas apreciações de valor de bem e de mal? E que valor têm em si mesmas? Refreavam ou favoreceram o desenvolvimento humano? São um sinal de calamidade, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou indicam, pelo contrário, a abundância?”

Nitidamente, a pesquisa sobre a moral sai do âmbito teológico e adentra nos campos da investigação antropológica e sociológica; ou seja, o “homem” tornou-se o seu grande interesse investigativo. Da antropologia ele avança até chegar nas searas da psicologia humana. Assim, a sua investigação o conduziu a um amplo espectro de atuação no ecossistema do saber.

Sua primeira inspiração sobre este tema foi o Dr Paulo Ludwig Rée<sup>2</sup> (1849 – 1901), no livro *“A origem dos sentimentos morais”*, que o conduziu a algumas hipóteses de proveniências, que se deixou deslindar ante seu olhar perscrutador. Enfim, seu trabalho se desenvolve como uma crítica dos valores morais e, antes de tudo, uma grande discussão sobre o valor dos valores. Portanto, a moral não como um valor, mas seu valor para o desenvolvimento do ser humano. Ou seja, em que medida a moral ajudaria ou desintegraria o homem.

---

<sup>1</sup> Seguimos neste trabalho, a convenção proposta pela edição de Colli/Montinari das obras completas do filósofo adotando as siglas em português abreviadas das obras, para referência. (NIETZSCHE, F. Coleção O Essencial de Nietzsche. Trad. De Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

<sup>2</sup> Paul Ludwig Carl Heinrich Rée (1849 -1901), escritor e filósofo alemão.

Seu olhar crítico acerca da origem da moralidade se volta para a origem dos conceitos “Bom” e “Mau”. Sua pergunta primeira, agora consistia em “onde eles podem ser encontrados”? Porém, antes de responder, Nietzsche desfere seus golpes de críticas aos psicólogos ingleses que concebem a genealogia da moral a partir do princípio da utilidade, ou seja, uma ação é considerada boa quando faz bem à alguém; depois o costume da linguagem, ou seja, é bom aquilo que sempre foi considerado bom; é bom aquilo que, em todos os tempos, se revelou útil.; e por último, o princípio do livre-arbítrio, que concebe o homem como um ser responsável por seus atos.

Originalmente - assim eles decretam - as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde, foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas - como se em si fossem algo bom<sup>3</sup> (NIETZSCHE. 2013, § 2, p. 35).

Sua crítica contra essa teoria consiste em primeiro lugar na inconsistência histórica e em segundo num preconceito metafísico que concebe o “eu” como entidade distinta do corpo. Com isto, se é levado a reconhecer que a história das avaliações morais é a história de um erro, do erro da responsabilidade, que não passa de uma construção gramatical. Este é o ponto fundamental a partir de onde se desenrola a origem dos juízos morais.

A ideia da liberdade humana parte de uma construção gramatical em que para toda ação há um sujeito na origem. A estrutura gramatical prescreve o sujeito como causador da ação, conforme lemos em *Para Além do Bem e do Mal*:

A semelhança bastante peculiar e familiar das filosofias indiana, grega e alemã explica-se da maneira mais simples. Sempre que há afinidade linguística não se pode evitar que, graças à filosofia comum da gramática, em outras palavras, graças ao domínio e orientação inconscientes pelas funções gramaticais idênticas, tudo se encontre preparado, desde o início, para um desenvolvimento e uma sucessão semelhantes dos sistemas filosóficos. Iguamente certas outras possibilidades de interpretação do mundo parecem bloqueadas. (NIETZSCHE. 2001, p.49)<sup>4</sup>.

Assim, esta estrutura aponta que a direção das questões do próprio sistema filosófico não poderia ter sido diferente, pois a estrutura gramatical impede outras configurações.

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 2.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM, § 20.

A estrutura desta malha gramatical como se dá no pensamento ocidental, pressupõe um **sujeito causador da ação e livre para agir**. O que as análises genealógicas indicam é que a metafísica e toda sua tradição ignoram o fato de que este sujeito, este 'eu' não é uma entidade distinta do corpo. A ideia de um sujeito, na verdade, não passa de uma ficção, pois ignora o que é o corpo. Partindo dos estudos de biologia, Nietzsche afirma que tudo aquilo que é vivo é portador de uma vontade de ser-mais, de expandir-se o quanto pode. *Esta vontade - vontade de potência - seria o caráter inteligível do mundo*<sup>5</sup>, não agregando para tanto nenhum fator metafísico, tudo é fisiológico.

Em Nietzsche, a doutrina da vontade de poder, apresenta-se como novo critério descritivo e valorativo. Pois o corpo, ao abrigar uma multiplicidade de forças - pois cada célula se configura como uma vontade de potência, cada uma delas querendo dominar todas as outras – se apresenta para quem analisa com uma aparente unidade e continuidade. Porém, o que o corpo esconde são os “inúmeros eus” que diferem entre si, visto que são instintos e pretendem dominar. “(...) o maior desejo de cada um seria apresentar-se a si próprio como fim último da existência, como soberano legítimo de todos os outros instintos. Já que todo instinto é ávido de domínio e, enquanto tal, intenta filosofar.”<sup>6</sup> (NIETZSCHE, 2001, p.37). Para Nietzsche, a vontade de potência é o caráter inteligível do mundo – é o “elemento constitutivo do mundo” (MARTON, 1990, p. 87).

Neste sentido, o homem não se coloca como um ser partido, antes é um todo constituído pelo orgânico. Ora, isto nos chama atenção para o fato de que toda as análises precedentes feitas pelos psicólogos inglese se equivocaram ao falarem de um 'eu'.

Nessa condição, bem antes de Freud nos brindar com suas teorias sobre o inconsciente e da própria psicanálise, Nietzsche já advertia que aquilo que denominavam de consciência, de 'eu' – é apenas o resultado daquilo que se processa no 'mundo subterrâneo' dos instintos ocultados de toda a sua efervescência.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM, § 36, “O mundo visto de dentro, definido e determinado por seu ‘caráter inteligível’, seria - precisamente ‘vontade de potência’ e nada mais.”

<sup>6</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM, § 6.

Ora, o 'eu' tendo assumido um caráter formal, enquanto unidade e identidade por meio da filosofia metafísica e, conseqüentemente, dos genealogistas ingleses como pressuposto daquela psicologia que cria na existência de um "eu" autônomo, desconsidera seus mecanismos de efetivação e esquece que o que salta para a consciência, para o 'eu' é na verdade, produto dos instintos. "Assim como o ato de nascer não conta no processo e no progresso geral da hereditariedade, também o "estar consciente" não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo"<sup>7</sup>. (NIETZSCHE, 2001, p.35, § 3).

Os genealogistas da moral, ao colocarem o sujeito como causador da ação, inferem a noção de livre-arbítrio, ou seja, o homem seria livre para agir ou não. Decorre que, se o 'eu' é apenas um produto superficial daquilo que ocorre no inconsciente, o 'eu' que age, não é necessariamente o 'eu' racional.

Assim, Nietzsche aponta para o que seria a origem e o longo processo de investigação histórica da moral. Esta, seria apenas expressão viva de organismos que se manifestam como vontade de poder. A moral deixa de ser uma ação e se constitui como a definição de um tipo homem.

Numa perambulação pelas muitas morais, as mais finas e as mais grosseiras, que até agora dominaram e continuam dominando na terra, encontrei certos traços que regularmente retornam juntos e ligados entre si: até que finalmente se revelaram dois tipos básicos, e uma diferença fundamental sobressaiu. Há uma moral dos senhores e uma moral dos escravos. (BM 260)

Em todas as morais que já existiram e ainda são efetivas, haveria certos traços comuns, que são agrupados em dois tipos: a moral dos senhores e a moral dos escravos.

Portanto, o conceito de "bom" e "mau" tem uma dupla pré-história: a saber, de início, no espírito das tribos e das castas dirigentes e em seguida nas almas dos oprimidos e dos impotentes. A dupla origem do bem e do mal nos ensina sobre a moral dos nobres e a moral dos escravos (a moral do ressentido). Uma das primeiras referências sobre os conceitos de moral nobre e moral escrava aparece no capítulo "O que é aristocrático" em Para Além de Bem e Mal:

Há uma moral de senhores e uma moral de escravos (...) No primeiro caso, quando os dominantes determinam o conceito de "bom", são os estados de alma elevados e orgulhosos que são considerados

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, F. JG/BM § 3, p. 35.

distintivos e determinantes da hierarquia. O homem nobre afasta de si os seres nos quais se exprime o contrário desses estados de elevação e orgulho; ele os despreza<sup>8</sup> (NIETZSCHE, 2001, § 260, p. 187).

Para Nietzsche, os valores adotados por uma sociedade não passam de sintomas de saúde ou de doença, são signos de declínio ou de salubridade. São potentes ou impotentes; interpretam a vida como afirmação ou a conservam em um estado de inanição. Por isso, cabe à filosofia o estudo sobre os valores e de como foram constituídos, como cresceu este ou aquele pensamento, como se constituiu este ou aquele modo de vida.

Para comprovar sua tese, Nietzsche faz uma análise etimológica das palavras “bom” e “mau” em diferentes línguas. Foi então que descobriu que:

Todas elas remetem esta palavra à mesma transformação conceitual – descobri que em toda parte “nobre”, “aristocrático”, no sentido de ordem social, é o conceito fundamental, a partir do qual se desenvolve necessariamente “bom” (...) Esse desenvolvimento se efetua sempre paralelamente a outro que acaba por fazer evoluir “comum”, “baixo”, “plebeu”, para o conceito de “mau”. (NIETZSCHE. 2013. I, § 4, P. 39).

Assim, sua investigação o fez ver que a morfologia da palavra alemã *schlecht* (mau) é idêntica à *schlicht* (simples). Daí deriva *schlichtsweg* (simplesmente) e *schlechterding* (absolutamente), o que explica que desde suas origens, a palavra tinha a função de designar o homem simples, plebeu. Com isso, Nietzsche pretende mostrar que as palavras nascem dentro de certas circunstâncias. O que demonstra que a classe dominante acabou associando a classe mais simples ao conceito daquilo que é mau, o oposto, a antítese da classe nobre. Por isso, os homens que se sentem e são privilegiados (classe nobre) é quem espelham o conceito de ‘bom’.

Aprofundando sua investigação da palavra “mau” no latim (*malus*), descobriu-se que está relacionada com melas (negro) e era usada para designar o homem plebeu, de cor morena e de cabelos pretos. O “bom”, o “nobre”, o “puro” é o de cabelos loiros. Isso faz oposição com o indivíduo de cabelos negros. Com isso, a conceituação deixa de ser um designativo de uma ação e se revela como um designativo de uma classe social.

“Não devem ser esquecidas as nuances quase benévolas que a nobreza grega, por exemplo, introduziu nas palavras, por meio das quais separa o baixo povo dela própria; a maneira pela qual as mistura constantemente para abrandá-las com uma espécie de sentimento de compaixão, de consideração, de indulgência, a tal ponto que todas as

---

<sup>8</sup> NIETZSCHE, F. JG/BM § 260.

palavras que se aplicam ao homem do povo acabaram por se manter como vocábulos que significam “infeliz”, “dignos de compaixão” (ver *deilós* (miserável), *déilaios*(infeliz), *poneirós* (acabrunhado de males, mau) *mochtéros* (sofredor, mau)...”<sup>9</sup> (NIETZSCHE. 2013. I, § 10, pg. 54).

O estudo etimológico dos termos revela, segundo Nietzsche, o antigo modo de avaliação bem nobre, própria da aristocracia. Ou seja, não se avaliava como boa ou má as atitudes, mas, toda uma classe de pessoas ou a constituição psicofísica da pessoa.

Passamos agora, à classificação e à caracterização das duas morais que, segundo Nietzsche, se opuseram durante todo o longo tempo de estadia do homem no planeta terra.

### 1.1 A MORAL DOS NOBRES

No homem nobre está a origem do valor bom, sendo que “ruim” é sempre seu oposto, ou seja, o escravo. Neste primeiro tipo de moral a oposição ‘bom’ e ‘ruim’ significa tanto quanto nobre e desprezível. Aqui, o homem é criador, cria valores que reflete a si mesmo, que glorifica a si mesmo. Portanto, os conceitos de “bom” e “mau”, na sua origem se deram como atribuição e atributo do mais forte, daquele que detinha o poder de retribuir o bem com o bem, o mal com o mal e que possuía força e poder suficiente para exercer vingança. Segundo esse modo de conceber, bom é o forte, mau é o fraco, o simples, o camponês e o escravo. Os maus são os incapazes que não conseguem criar o espírito de grupo, o espírito de pertencimento, de organização. A classe social mais coesa detém o poder de subjugar e a classe dispersa sem poder de coesão sofre, conseqüentemente, a designação de fraco e mau. “Bom e mau equivalem, durante uns tempos, a nobre e vil, a senhor e escravo” (NIETZSCHE. 2007, § 45, pg. 63).

Assim, para Nietzsche, na origem dos termos, “mau” não é aquele que nos causa prejuízos, mas sim, aquele que é desprezível, fraco, pobre.

“O juízo “bom” não emana daqueles a quem se prodigaliza a “bondade”! pelo contrário, foram os próprios “bons”, ou seja, os nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e têm a alma enlevada que jugaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo o que é baixo, de alma mesquinha, comum, plebeu. Foi esse páthos da distância que os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores, de forjar o nome

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 10.

dos valores: que lhes importava a utilidade!<sup>10</sup> (NIETZSCHE. 2013. I, § 2, pg. 36).

Esse modo de compreender a origem dos juízos de valor revela que o poder de nomear, de decidir o que é bom e o que é mau, está no poder de uma casta sobre a outra, de um tipo humano sobre outro. Neste sentido, a origem do vocábulo “bom” não está atrelada, necessariamente, ao sentido de utilidade da ação, nem na sua finalidade ou intenção, mas na natureza físico/social.

O pathos da nobreza e da distância, como já foi dito, o sentimento geral, o sentimento fundamental, duradouro e soberano, de uma espécie superior e dominante em relação a uma espécie inferior e “baixa” – aí está a origem da oposição entre “bom” e “mau”<sup>11</sup>. (NIETZSCHE. 2013. § 2, pg. 36).

Fica claro, portanto, que para Nietzsche, a origem do vocábulo “bom” não está ligada absolutamente a ações egoístas e não egoístas. Esses são termos que só aparecerão no futuro com a desintegração dos juízos de valor aristocráticos e a sublevação dos valores sacerdotais, revelando oposições de cunho axiológicas dos termos.

## 1.2 A MORAL DOS ESCRAVOS

A moral de escravos é essencialmente uma moral de utilidade. Aqui está o foco de origem da famosa oposição ‘bom’ e ‘mau’ (...) Logo, segundo a moral dos escravos, o ‘mau’ inspira medo; segundo a moral dos senhores é precisamente o ‘bom’ que desperta e quer despertar medo, enquanto o homem ‘ruim’ é sentido como o desprezível (...) porque em todo caso o bom tem de ser, no modo de pensar escravo, um homem inofensivo: é de boa índole, fácil de enganar, talvez um pouco estúpido, ou seja, um *bonhomme* [um bom homem]. Onde quer que a moral de escravos se torne preponderante, a língua tende a aproximar as palavras ‘bom’ e ‘estúpido’<sup>12</sup> (NIETZSCHE. 2001, p. 189).

Aqui aparece a ideia de ressentimento e a moral como contra-ataque do incapaz, do escravo, do plebeu. Nietzsche derrama seu fel contra essa concepção de moralidade, na medida em que, segundo ele, esta serve como instrumento de aniquilamento do animal homem. O que ele chama de domesticação dos instintos, tornando o impulso de vida diminuído, anestesiado e sonolento. A inversão dos valores “bom” e “mau”, estabeleceu a compaixão e a misericórdia como superiores à força, à energia, à subjugação, ao domínio. Virtudes como graça, benevolência, bondade, mansidão, domínio próprio tornam-se no coração da casta inferior as

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 2.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM, I, § 2.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. JG/BM § 260, p. 189.



atitudes favoráveis e fundamentais com as quais será possível lutar de igual pra igual. Segundo Nietzsche, são virtudes que matam paulatinamente os instintos animais que habitam o homem. Assim, este ser torna-se cada vez mais polido, não, porém, melhor. Seu movimento primeiro é negativo em relação a um fora, para só depois buscar sua autoafirmação.

“Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e este Não é seu ato criador (...) este necessário dirigir se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento (...) O contrário sucede no modo de valoração nobre: ela age e cresce espontaneamente, busca seu oposto somente para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão<sup>13</sup>” (NIETZSCHE. 2013, p. 52).

Comentando La Rochefoucauld<sup>14</sup>, Nietzsche propõe que o ser humano “deveria manifestar compaixão, mas abster-se de a ter, pois os infelizes são numa palavra, tão tolos que a demonstração de compaixão constitui para eles o maior bem do mundo<sup>15</sup>” (NIETZSCHE. 2007, § 50, pg. 66). Deste modo, o “fraco”, faz da virtude uma necessidade. Nietzsche lança sua suspeita sobre a virtude dos fracos, pois segundo ele, toda moral que descende daí, carrega em si o germe da fraqueza, e, portanto, do engano, tartufice. O juízo de valor dos fracos e oprimidos leva o homem para trás, para o nada, rebelião contra o instinto de vida. A moral do escravo se tornaria a última doença que aos poucos ganhou terreno em toda a Europa e determinava o seu modo de ser.

Para Nietzsche, os maiores promotores da moral do escravo foram os judeus e os cristãos que, sinteticamente, expressam-se pelo modo de viver sacerdotal. Neste modo de avaliação “bom” e “mau”, deixam de ser um designativo da condição social e se tornam designativos de cunho axiológicos.

Enquanto os juízos de valor da aristocracia de cavalheiros fundamentam-se na vitalidade física poderosa, guerreira, na força, conseqüentemente na guerra como fator de autoafirmação, o modo de avaliação sacerdotal judaico-cristã (a religião de um modo geral), ou do escravo, fundamenta-se na não valorização da força ou do poder físico, mas na espiritualidade, na compaixão e na misericórdia. Não porque são bons em si, mas porque não conseguem agir de outra forma. Nietzsche suspeita de

<sup>13</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. II § 10, pg. 52.

<sup>14</sup> François La Rochefoucauld (1613 – 1680), escritor francês; obras: *Reflexões ou sentenças e máximas morais*, e *Memórias*; era o escritor preferido de Nietzsche.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. MAI/HHI. § 50,

toda boa intenção, afinal, para ele tudo é um mecanismo de sobrevivência. Uns pela força e outros pela virtude da fraqueza.

“Esses judeus, esse povo de sacerdotes, que não souberam por fim tirar satisfação de seus inimigos e conquistadores senão por meio de uma radical inversão de seus valores, isto é, por meio de um ato de vingança supremamente espiritual. Só a um povo de sacerdotes convinha, precisamente pela sede de vingança sacerdotal, agir desse modo radical. Foram os judeus que, com uma identidade axiológica dos aristocratas (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = amado por deus), arriscaram a reviravolta com uma coerência terrificante e se encarniçaram no mordente ódio mais abissal (o ódio da impotência), ou seja, “só os miseráveis são os bons, os sofredores, os enfermos, os doentes, os feios também são os únicos seres piedosos, os únicos seres abençoados por Deus – só para eles existe a bem-aventurança – quanto aos outros, os nobres e poderosos, são por toda a eternidade os maus, os cruéis, os concupiscentes, os insaciáveis, os ímpios, são por toda a eternidade os réprobos, os malditos, os condenados!... todos sabem quem acolheu essa reviravolta de valores judaica...”<sup>16</sup> (NIETZSCHE. 2013. § 7, pg. 48).

O “tipo homem” que melhor figura a imagem do fraco criador de valores é o judeu. Para Nietzsche, a lei de Moisés na Torá é o contra-ataque dissimulado de quem não teve força para o enfrentamento direto, mas disfarçado – mediante a moral religiosa. Aqui se estabelece a sublevação dos escravos na moral, que perpassa por mais de dois mil anos de existência, que por meio de Jesus o Cristo, conquistou o mundo inteiro. Em Jesus (um judeu), a moral do escravo venceu. A fraqueza venceu a força, o espírito venceu o corpo, o espiritual venceu a matéria, a paz venceu a guerra, os “senhores” foram abolidos, a moral do povo venceu. Em outras palavras, segundo Nietzsche, a moral judaico/cristã trouxe a civilização ao planeta ao custo do refinamento do animal homem. O animal foi domesticado, adestrado, cerceado, pela lei e pelo Estado e a moral do escravo ressentido foi seu fundamento maior.

“Supondo que seja verdade o que somos levados a aceitar hoje como verdade, ou seja, que o sentido de toda cultura é justamente domesticar o predador “homem”, para fazer dele um animal pacato civilizado, um animal doméstico, deveríamos então considerar, sem a menor dúvida, como verdadeiros instrumentos de cultura todos esses instintos de reação e ressentimento, graças aos quais acabamos por romper e subjugar as linhagens nobres com seus ideais; isso significa dizer que os depositários daqueles instintos representariam por si mesmos a cultura. Parece antes o contrário e não somente provável – não! que hoje é flagrante! Esses depositários dos instintos de subjugação, alterados por represálias, esses descendentes de todos os escravos europeus e não europeus, de toda população pré-ariana em particular – representam o retrocesso da humanidade! Esses “instrumentos de cultura” são uma vergonha para o homem e, mais

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 7.

ainda, motivo de suspeita e argumento contra a própria cultura em geral!<sup>17</sup> (NIETZSCHE. 2013. § 11, pg. 61).

É importante salientar que para Nietzsche, os instintos de reação e ressentimento se tornaram instrumentos de cultura, e isso, muito em função das consequências advindas da metafísica que separa mundo sensível do mundo suprassensível. Essa dicotomia psicofísica é geradora, segundo ele, de valores que diminuem a vida, que adoecem e adormecem o homem.

Há uma moral de senhores e uma moral de escravos; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais, e, com ainda maior frequência, confusão das mesmas e incompreensão mútua, por vezes inclusive dura coexistência – até mesmo num homem, no interior de uma só alma<sup>18</sup> (NIETZSCHE, 2011, p. 186).

Assim, podemos afirmar que os dois valores opostos “bom” e “mau”, “bom” e “malvado” marcas do perfil do Senhor e do Escravo, travaram na terra um combate terrível e milenar, e que, com toda certeza, a forma de avaliação moral do escravo tem vencido e se refinado cada vez mais. Cabe, a partir de agora procuramos traçar o perfil psicológico do senhor e do escravo tentando demarcar suas características principais.

### 1.3 O PERFIL PSICOLÓGICO DO NOBRE E DO ESCRAVO

Conforme vimos anteriormente, o homem é uma multiplicidade de impulsos e afetos, pensamentos e pulsões que são manifestações particulares da vontade de poder. Essa vontade de poder assume diversas formas de manifestação: “Vontade de poder como ‘natureza’, como vida, como sociedade, como vontade de verdade, como religião, como arte, como moral, como humanidade”.<sup>19</sup> (NIETZSCHE. 1947, p. 254). Assim, neste contexto conforme até aqui temos falado, devemos entender o corpo como uma sociedade que se configura em termos de forças, o retrato da dinâmica dos seus impulsos.

Sabemos, no entanto, que este homem enquanto um ser de natureza, fez uma difícilíssima passagem para um ser de cultura, e isso se deu mediante a coação e o adestramento; é o que pretende mostrar o doloroso processo formativo do homem

<sup>17</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 11.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM. § 260.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, F. A. p. 254.

“presumivelmente ocorrido na pré-história da espécie e recuperado hipoteticamente pela reflexão filosófica.” (GIACÓIA Jr., 1988, p.106).

Este “laborioso trabalho formativo pré-histórico” do homem à luz da genealogia nietzschiana, partiu da indagação:

Criar um animal que pode fazer promessas - não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema do homem?... O fato de que este problema esteja em grande parte resolvido deve parecer ainda mais notável para quem sabe apreciar plenamente a força que atua de modo contrário, a do esquecimento<sup>20</sup>. (NETZSCHE, 2013, p. 85)

O recuo hipotético à pré-história, desenvolvido pelo método genealógico, traça a longa história da origem da responsabilidade: “a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável. O imenso trabalho daquilo que denominei ‘moralidade do costume<sup>21</sup>’”. (NIETZSCHE, 2013, p. 85) Segundo o pensador alemão, os homens se esqueceram de que foram os próprios homens os criadores de suas leis. Com o tempo, foram adquirindo o estatuto de sacralidade, gerando os costumes e a própria moral<sup>22</sup>.

Segundo o nosso autor, o homem nobre e aristocrata carrega em seu DNA traços da sua primitividade, e, portanto, o que há de mais humano no humano.

“Os homens que atualmente são cruéis devem representar para nós as etapas de civilizações anteriores que se perpetuaram: a montanha da humanidade mostra aqui a descoberto as formações mais profundas que, de outro modo, permanecem ocultas. São seres atrasados, cujo cérebro, em decorrência de todos os acasos possíveis no decurso da hereditariedade, não sofreu a série de transformações delicadas e múltiplas. Eles mostram o que todos nós fomos e causa-nos medo...”<sup>23</sup> (NIETZSCHE. 2007, § 43, pg. 62).

Uma vez fazendo esse recuo hipotético na origem do processo civilizatório, podemos descobrir debaixo de quais escombros se encontra o homem original proposto Nietzsche. Assim, segue o perfil psicológico do nobre que, em função da sua constituição física e psicológica não necessita do outro para se autoafirmar. Ele não tem necessidade de um oponente para dizer sim a si mesmo, “*nós os nobres, nós os bons, nós os formosos, nós os felizes*”, diz o psicologicamente forte. Seu olhar é

<sup>20</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM II, § 1.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM I, 2013, § 2, p.85.

<sup>22</sup> Para Nietzsche, tudo deriva da grande capacidade artística do homem, são invenções (*Erfindungs*), o que promove um sentido para a existência humana.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F. MAI/HHI. § 43.

impregnado de superioridade, desprezo, sem o mínimo de constrangimento. Portanto, o nobre sempre vive cheio de confiança e de sinceridade para consigo mesmo. São sempre vigorosos e ativos, de modo que o sentido de felicidade consiste simplesmente na ação.

O nobre por natureza, por nascimento, não sofria pela presença dos seus inimigos, de suas infelicidades, seus infortúnios, pois sua característica fundamental é a superação do ressentimento, carregam em si uma superabundância de força plástica, regeneradora, que fazia curar e esquecer sua dor. O forte por natureza, desembaraça-se rapidamente do fel do ressentimento que se instala na alma do pobre e fraco de espírito. O homem de espírito forte não guarda ressentimento porque não guarda mágoa de ninguém, não porque é virtuoso, mas porque tem uma personalidade forte que o induz a resolver a questão imediatamente.

É verdade que a nuance principal em virtude da qual o “nobre” se sentia homem de classe superior, estava, na maioria das vezes, relacionado à sua superioridade em termos de posse, por serem mais ricos. No entanto, é sempre bom salientar, o que para Nietzsche é considerado como o homem superior, guerreiro, nobre e forte, não era tanto sua posição social, mas o que lhe importava fundamentalmente, era **o traço de caráter típico do nobre**, o perfil psicológico comum a todos aqueles que são pródigos na ação.

O “senhor”, “o nobre”, em todas as culturas expressam em suas atitudes o reflexo daquilo que são internamente, pois compreendem a vida pelo critério das forças, tanto em declínio, quanto em ascensão. Tem-se uma relação ativa entre as forças instintivas de obediência e comando, na qual a multiplicidade de impulsos e afetos aparecem como expressão normal do seu ser. O homem ativo, afirmador dos impulsos característicos da vida, ao contrário do homem enfermo, não precisa de ninguém para se julgar feliz ou bem-aventurado, simplesmente é!

O tipo escravo, por outro lado, em função do desequilíbrio das forças, não tem energia o bastante em sua ação, seu ato é suplantado pelas forças externas. A fraqueza impede que sua força se afirme plenamente, ele não é dono de si, é constrangido, impedido constantemente em razão das circunstâncias que vão além dele. O perfil psicológico do escravo se caracteriza pela necessidade de buscar um culpado, de encontrar alguém em que se possa justificar sua fraqueza, de descarregar

todo o seu desgosto, desprazer e ódio, através da vingança, mesmo que imaginária. Ainda diante de um mundo ameaçador e perigoso, o escravo diz não, ele sente o Não como uma expressão do ser. A vida é complicada demais, pesada demais, a vida exige muito esforço. Ao escravo, em função de sua desordem fisiológica, sua debilidade, está vedada a ação. Nele, a Vontade de Potência não se autentica plenamente, não tem força para enfrentar o mundo na sua forma mais dura e cruel.

O escravo desconhece a essência da vida, a sua vontade de poder; como isto não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a 'adaptação'<sup>24</sup> (NIETZSCHE. 2013, P. 131 §11)

A fisiopsicologia revela que o ressentimento nasce da impotência que contamina o organismo humano. “A descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie<sup>25</sup>” (Nietzsche. 2013. §15, p. 206). Uma vez incapaz de afirmar, incapaz de criar e diferenciar-se, inapto para dar conta da relação entre as forças interiores com as forças exteriores, o escravo ressentido passa a se contaminar com sentimento reativos como a mágoa, a raiva, a ira, o ódio que sabotam sua consciência. O sentimento de vingança seca sua alma, pois é incapaz de esquecer aqueles que o ofenderam, a raiva contida, dissimulada, daqueles que o superaram, a dor persistente e atrofiadora. Trata-se de uma condição parasitária, reativa, que precisa de antemão de um elemento diferente dela para constituir sua identidade. É aqui que sua identificação originária com o ressentimento se edifica (Cf. GIACÓIA JÚNIOR: 2001).

---

<sup>24</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. I, § 11.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. III. § 15.

## CAPÍTULO 2. O RESSENTIMENTO: NIETZSCHE COMO PSICÓLOGO E MÉDICO DA CIVILIZAÇÃO

Vimos que o ressentimento pode estar na origem da oposição “moral de senhores *versus* moral de escravos”, e precisamente, o modo de avaliação escrava que se expressa de modo mais vívido no estilo de vida do religioso e na cosmovisão metafísica. Mas este tema se torna também um rico instrumento de análise quando se trata de estudar a sua influência sobre a saúde humana e a saúde da sociedade. Então, além de considerar o ressentimento como uma doença do indivíduo, já de modo peculiar, Nietzsche amplia o significado usual do termo, ligando-o também a uma análise social.

### 2.1. O TERMO “RESSENTIMENTO”

O termo, cuja utilização na língua francesa remonta ao século XVI, deriva do verbo “ressentir”, o qual, embora possa ter uma conotação neutra, significando a possibilidade de reviver um sentimento ou sensação anteriormente experimentada, ou mesmo positiva, considerando a possibilidade de tal sensação ser boa ou agradável, via de regra, possui um acento negativo, designando uma “renovação de um mal sofrido, de uma dor que se ressent”, ou então a “persistência de um sentimento suscitado por uma injúria, uma injustiça, acompanhado de um desejo de vingança” (PASCHOAL. 2008, P. 13)

Assim, o termo remete a uma indigestão psíquica, um remoer a dor, a não aceitação e a impossibilidade de renunciar ao desejo de vingança – amargura, fel. Algo que contamina o ser por dentro.

O termo “rancor” que pode ser correlacionado a um malquerer e associado à cólera e à raiva contidas, bem como a expressão daquele sentimento de amargor, provém, certamente, da proximidade entre os termos “ressentimento” e “rancor”, pois a palavra “rancor”, do latim “rancōre”, possui parentesco com “rançoso”, também do latim “rancīdu”, que é traduzido como: “que cheira mal; putrefato, infecto, fétido”; (OLIVEIRA, 1970) e se encontra igualmente na raiz de “derrancar”: estragar, corromper, tornar-se rançoso. (PASCHOAL. 2008, P. 13)

O ressentimento, que é o sentimento não diluído, não passado pra frente, mas revivido interiormente, tende a apodrecer o coração, pois como uma chaga, tem o poder de infeccionar.

O termo “ressentimento” corresponde, assim, já no interior da filosofia de Nietzsche, a um problema fisiológico, de um organismo sem forças para reagir frente às intempéries da vida e que também não consegue digerir os sentimentos ruins, aquele veneno produzido por sua não reação, passando a apresentar uma desordem psíquica que o impede de viver efetivamente o presente. (PASCHOAL, 2008, P. 14)

O ressentimento ganha contornos existenciais, quando a própria vida se torna instrumento de tortura, quando do sentimento de inadequação e incapacidade frente aos desafios que se apresentam, o indivíduo cria mecanismos de fuga, de um não-enfrentamento, como sintoma da indigestão da realidade.

É neste sentido que Nietzsche se apresenta como filósofo e fisio-psicólogo, e considera-se também médico da cultura. Em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma: “Que por meio de meus escritos fale um psicólogo sem igual, talvez seja essa a primeira coisa que um bom leitor percebe – um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos de outrora liam seu Horácio.”<sup>26</sup> (NIETZSCHE, 2017. § 5, p. 54)

Em seguida lemos: “*Quem, antes de mim, entre os filósofos, era precisamente psicólogo (...) Antes de mim não houve em absoluto psicologia*”. (NIETZSCHE, 2017. § 6, p.120) Neste sentido, para Nietzsche, a psicologia consolidada até aquele momento, não tinha ousado se aventurar até às profundezas do ser humano. Limitou-se ao estudo da consciência, sem aprofundar no submundo dos instintos.”, pois uma sociedade que não pode pôr seu ódio para fora, de alguma forma põe para dentro de si mesma, punindo a si, cerceada pelo processo civilizatório construindo uma espécie de vingança imaginária, adquirindo um conjunto de doenças psicossomáticas.

“O tratamento filosófico, fisiológico e psicológico do corpo e da alma, o cuidado com sua saúde, passa, então, em Nietzsche, necessariamente pela superação do ressentimento, e com ele do sentimento de vingança e seus aparentados. Ele se insere, portanto, no cerne da crítica da moral e da religião (livre-arbítrio e Cristianismo), como questão filosófica cardinal, pois o rancor, que é próprio do ressentimento, é expressão de uma dimensão ontológica da finitude humana: sua condição temporal. Para Nietzsche, o ressentimento tem origem na impotência da vontade humana em relação à essência do tempo: a transitoriedade, a impermanência, o fluxo, o passar do tempo e no tempo”. (GIACÓIA, 2020, p. 20)

O ressentimento trata-se, assim, de uma “disposição para a vingança”, caracterizada por ele como “o mais pernicioso de todos os estados possíveis para o doente” (NIETZSCHE, 2013, p. 201).

---

<sup>26</sup> NIETZSCHE, F. EH/EH. Por que escrevo livros tão bons? § 5.



A psicofisiologia do ressentimento é o âmbito teórico e terapêutico que articula em Nietzsche a filosofia do cuidado pessoal, do tratamento singular, com aquele que se abre para a psicologia social, pois o rancor e a hostilidade, a sede de vingança ínsita ao ressentimento, é uma formação anímica hostil que faz adoecer tanto o indivíduo quanto o 'tipo' humano que se coloca como horizonte de uma cultura. (Giacóia. 2020, p. 12)

O tema do ressentimento – encontra-se na base de toda 'política filosófica de saúde' de Nietzsche, que como doença, é uma patologia que enfraquece o sujeito, e tem poder suficiente de adoecer, inclusive, todo um 'processo civilizatório'.

Nesse sentido, afirma Scarlett Marton (2010, p.90):

[...] ódio e desejo de vingança seriam as palavras-chave para compreender o ressentimento. É a diferença que causa o ódio, ou melhor, é a recusa da diferença que o engendra. Incapaz, de aniquilar o forte, o homem do ressentimento quer vingar-se, mas não podendo fazê-lo, imagina o momento em que sua ira se exercerá, finalmente, permitida a desforra. É da própria impotência que nasce e se alimenta o seu desejo de vingança. É por isso que ressentimento não é sinônimo de reação: justamente por ser impotente para reagir, ao fraco, só resta ressentir.

O tipo ressentido alimenta-se da vingança imaginária, pois não tendo poder de reação, contenta-se com a frustração. Com o intuito de satisfazer sua impotência doentia, ele deseja humilhar e torturar o outro. No entanto, não conseguindo por fora seu intento, seu ódio volta-se para dentro de si, atacando o outro apenas em sua imaginação.

## 2.2 RESSENTIMENTO: CRIADOR DE VALORES.

É precisamente em seu livro a Genealogia da Moral, que Nietzsche trata mais profundamente o tema do ressentimento e sua relação com os valores da moral de escravo. O produto sociopsicológico é o "*tipo ressentido*", que é uma espécie de cúmplice da fraqueza, de modo que, a moral provinda do ressentimento atua como uma vingança imaginária destes contra os nobres, criando e gerando valores que satisfaçam suas necessidades que a vingança imaginária demanda. A vingança imaginária é denominada por Nietzsche como rebelião escrava na moral

Segundo o diagnóstico do pensador alemão, o homem moderno está doente, pois está contaminado pelo veneno do ressentimento que é fundamento da moral de escravo. A modernidade é tecida nas tramas do niilismo, e seu resultado inevitável é o ressentimento.

Assim, a expressão sintomática da moral de escravo na modernidade está associada a uma acepção social que prega uma igualdade em detrimento de toda possibilidade de tipos diferentes de homem. Essa igualdade está mascarada pelo princípio de universalização, que nada mais é, que a sede de vingança e que recebe o nome de justiça. “Segundo ele, essa “vontade de igualdade”, entendida como um nivelamento e uma interdição sobre tudo o que se destaca, desprende-se o ódio e a injúria a tudo o que é diferente”. (PASCHOAL. 2008, P. 17). Na medida em que aprofundamos em suas críticas, fica cada vez mais claro que os cristãos, os socialistas e os anarquistas são apontados por Nietzsche como grandes representantes do espírito de vingança, especialmente por fundamentarem seus ideais de “justiça” e “sociedade” sobre a noção de “direitos iguais”.

Estes são todos homens do ressentimento, estes fisiologicamente desgraçados e carcomidos, todo um mundo fremente de subterrânea vingança, inesgotável, insaciável em irrupções contra os felizes, e também em mascaramentos de vingança, em pretextos para vingança: quando alcançariam, realmente o seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria, de modo que estes um dia comesçassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: ‘é uma vergonha ser feliz! existe muita miséria!’... <sup>27</sup>(NIETZSCHE, 2013. III, §14, p. 201)

Uma vez que Nietzsche compreende o homem como uma sociedade de instintos ávidos por se impor, dominar e vencer, expressão tácita da vontade de potência, a sociedade que é feita pelos homens, deve ter como marca principal, a disputa, a guerra, as diferenças. Pois a vida em sociedade é o reflexo da disputa interna de cada homem. Para Nietzsche, é impossível a igualdade, o nivelamento, pois os homens são ávidos por querer mais, por querer ser mais, pela ânsia de vida. esse movimento interno deve se refletir nas relações sociais. Portanto, o que nivela e torna os homens iguais é o comunismo, o socialismo, o cristianismo. Para tanto, se faz necessário criar valores que limite o homem, que corte seus instintos, que diga

---

<sup>27</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM. III, §14.

não á vida em expansão. para Nietzsche, qualquer valor que pregue a igualdade entre os homens, é um valor contra a vida, é a própria decadência. É a manifestação do juízo de valor do escravo, do ressentido com o forte. Não podendo concorrer e disputar, cria-se valores de igualdade e justiça como aniquilamento. É aqui que Nietzsche suspeita do conceito de justiça como virtude.

### 2.3 RESSENTIMENTO, DOENÇA E FILOSOFIA

“Para um psicólogo, poucas questões são tão atraentes como a da relação entre filosofia e saúde<sup>28</sup>”. (Nietzsche. 2008, Prólogo §2)

A doença é, certamente a situação de maior perigo, pois vem sempre atrelada ao ressentimento, o que o tornaria vítima do sentimento de vingança: “Desse modo, o risco de contaminação pela vingança é o maior dos perigos para o sofredor. O ressentimento só alivia a dor na medida em que infecciona a chaga” (Oliveira apud Giacóia. p. 5). Ao se deparar com a doença e estando com espírito abatido, o indivíduo pode ser levado a uma intensa descarga de impulsos vingativos, tendo como resultado a entrega completa ao círculo vicioso do ressentimento.

Existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura<sup>29</sup>”. (NIETZSCHE. 2008, § 370).

Para Nietzsche, é possível ter a doença sem, contudo, estar doente. O doente saudável sofre a sua doença como realidade que se impôs sobre ele e não ficará choramingando e reclamando da vida como um moribundo miserável se vitimizandando do destino. Para Nietzsche é possível viver a doença pelo ponto de vista da potência.

Como caminho alternativo, Nietzsche propõe o “fatalismo russo”, que consiste numa espécie de hibernação em que o sujeito reduz o metabolismo e coloca-se numa

<sup>28</sup> NIETZSCHE, F. FW/GC. Prólogo 2.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, F. FW/GC. § 370.

situação de passividade, evitando, assim, que a reação vingativa se dê. A assimilação da doença permitirá ao sujeito manter o autocontrole tomando uma postura ativa ante a doença e o ressentimento.

Estar doente nada mais que uma espécie de ressentimento. Contra isso, o doente tem apenas um grande remédio – que eu chamo de fatalismo russo, esse fatalismo sem revolta que faz com que um soldado russo, que acha a campanha muito rude, acaba por deita-se na neve<sup>30</sup>. (NIETZSCHE. 2017. Por que sou tão sábio, p. 25).

Neste “fatalismo” o/ indivíduo é capaz de renunciar à vingança e aceitar sua condição, consegue assim a autossuperação do ressentimento através da fórmula do amor fati (do latim, amor ao destino). Sim, este conceito é o possível resultado do desafio imposto pelo Eterno Retorno do Mesmo: o amor fati representa a plena aceitação da imanência, de um mundo onde os homens “mataram Deus”. E o que sobra com a “morte de Deus”? Sobra o niilismo. E como não sucumbir ao vazio existencial da ausência de Deus? Para Nietzsche, a resposta é apenas aquele que aprende a dizer Sim! Para Nietzsche, é possível tornar leve o mais pesado dos pesos que é a própria vida; é possível aprender a impor novos valores, amando a existência como ela se apresenta a nós.

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! <sup>31</sup>(NIETZSCHE, 2008, § 276)

Assim, para Nietzsche, a superação do ressentimento frente às adversidades da vida se dá pela assimilação do Eterno Retorno do mesmo, que servirá como um mecanismo de filtragens de forças separando-as entre as ativas e as reativas. “*Quero tudo mais uma vez e incontáveis vezes?* “. O amor fati é o resultado desta seleção das forças ativas. Segundo Nietzsche, é impossível afirmar o Eterno Retorno sem amar a vida, esta vida mesma, como se nos apresenta. A prova do Eterno Retorno é a mais pesada, a mais difícil, a mais desesperadora, mas como resultado, nos tornamos menos amargos.

<sup>30</sup> NIETZSCHE, F. EH/EH. Por que sou tão sábio, § 6.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, F. FW/GC. § 276.

Desta forma, Nietzsche encarou sua doença, assumindo-a, analisando-a, “filosofando-a”.

Colocar-se do ponto de vista do doente em busca de conceitos e de valores mais sadios e, inversamente, do alto da plenitude e da segurança peculiares à vida rica mergulhar o próprio olhar no trabalho secreto do instinto de decadência – esse foi meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, e, se cheguei a ser mestre em alguma coisa, foi precisamente nisso. Isso é o que tenho realmente em mãos, tenho aliás as mãos para isso, mudar de perspectiva: primeira razão pela qual só a mim talvez tenha sido reservada a possibilidade de uma “transmutação de valores”<sup>32</sup> (NIETZSCHE. 2017 – Por que sou tão sábio, §1 p. 19).

O *amor fati* não implica em resignação, para Nietzsche, não significa a aceitação passiva, muito menos um acovardada da vida. Amar o destino significa afirmar o que tinha que ser sem deixar de afirmar a vontade de potência, em si e no mundo.

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário - **mas amá-lo** <sup>33</sup>. (NIETZSCHE. 2017 - Porque sou tão esperto, §10).

Assim, se conclui seu projeto de saúde liberado do ressentimento, sua filosofia da doença,

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, até a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários — até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância [...] até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde<sup>34</sup> (NIETZSCHE, 2007. Prólogo §4).

Analista de si mesmo, Nietzsche fez de seu corpo um laboratório de experimentação. Preocupou-se diligentemente com sua alimentação: frutas, verduras, nada de comidas pesadas, nem de cerveja ou café; com o clima: ar seco e céu puro,

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE. 2017 – Por que sou tão sábio, §1.

<sup>33</sup> NIETZSCHE. 2017 - Porque sou tão esperto, §10

<sup>34</sup> NIETZSCHE, F. MAI/HHI, Prólogo § 4.

o norte da Europa o deixavam doente. Buscou saúde nas leituras, nas músicas pois isso também é terapêutico.

À parte o fato de que sou um decadente, sou também o contrário disso. Minha prova a respeito é, entre outras coisas, que instintivamente sempre escolhi os remédios adequados para as piores situações: enquanto o decadente sempre escolhe os remédios mais nocivos a si próprio. Como *summa summarum*, eu era saudável; como detalhe, como especialista, eu era decadente. Aquela energia com que procurei o isolamento absoluto e a libertação das circunstâncias usuais, a violência que assumi contra mim mesmo para não deixar mais cuidar, tratar, medicar – isso revela segurança instintiva absoluta (...). Tomei-me a mim mesmo em minhas mãos, recobrei a saúde por mim mesmo: a condição para chegar a isso – todo fisiologista deve admiti-lo – é a de estar fundamentalmente sadio (...) construí minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia<sup>35</sup>. (NIETZSCHE. 2017, por que sou tão sábio - §1, p. 19).

Nietzsche está sempre pensando em uma estratégia de sobrevivência a ser utilizada naqueles momentos em que as forças não são suficientes para uma reação efetiva. Esta postura positiva que faz uso dos recursos produtivos à potência dos afetos, instintos e pulsões, como força produtora e regeneradora é que torna Nietzsche médico filósofo.

---

<sup>35</sup> NIETZSCHE. 2017, por que sou tão sábio - §1

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como vimos, o tema do ressentimento é perpassa a filosofia de Nietzsche como um todo, quase como um fio condutor de seu pensamento. Contudo, dentre todos os seus escritos, é em *A Genealogia da Moral* que o termo assume seu papel mais preponderante. No entanto, a nossa pesquisa procurou enxergar as nuances que o termo ganha em outras obras do autor, por exemplo, a ideia de uma doença, como se tem em *Ecce Homo*, ou no *Zaratustra* na crítica feita à justiça entendida como desejo de igualdade, comunismo, socialismo.

No entanto, as duas principais variações do termo que ganham destaque em sua filosofia estão nos textos da *Genealogia da Moral* e diz respeito em primeiro lugar ao ressentimento entendido como um problema do homem individual, fraco, incapaz de reagir frente às adversidades da vida e de digerir o veneno produzido pela sua vingança não realizada. Um tipo de homem caracterizado por Nietzsche como o homem do ressentimento, criador da moral de escravo, carregada de subterfúgio, dissimulação e engano, mascarada de virtude. Em segundo lugar, o ressentimento como sintoma de uma sociedade, como um problema social, na medida em que assume valores que inibem e matam o potencial de vida que habita o corpo.

Fica claro que para Nietzsche compreende a formação da moral como um processo de luta entre forças, resultante de um longo processo de domesticação do animal – homem que realizou o ‘salto’ de sua mera condição biológica para se tornar um ser de cultura; para tanto fora necessário que este desenvolvesse a memória-da-vontade e da moralidade do costume, a fim de que o homem se tornasse um ser responsável pela palavra empenhada. Mostrando que na relação memória x esquecimento o paradoxo do homem se desvela e aponta igualmente para a origem do ressentimento.

É no contexto das relações de poder que se originam as ideias de “bom” e “mau” em seu uso moral, compreendendo que os valores nem sempre são impostos pelos mais fortes aos mais fracos, pelo contrário, segundo Nietzsche a moral como invenção dos fracos, sendo que as noções de bom e mau funcionam como uma vingança imaginária contra os mais fortes, agindo como mecanismo de domesticação dos homens. Ao problematizar esta vingança espiritual dos fracos em relação aos

fortes, Nietzsche desenvolve a ideia de ressentimento, conceito que será imprescindível para entender como os fracos passaram a dominar os mais fortes.

Por fim, a análise propriamente do ressentimento ensinada por Nietzsche nos revelou seu projeto de saúde para o homem, dizem respeito aos temas centrais no pensamento de Nietzsche: o além-do-homem e o eterno retorno do mesmo e o amor fati. Nietzsche vê os referidos temas, os elementos capazes de libertar o homem do círculo vicioso do ressentimento, este último ancorado no sentimento de vingança.

Sua proposta para a grande saúde passa pela encarnação do tipo “além-do-homem” (o super-homem), que é um inverso do homem do ressentimento, visto que não guarda mágoas, é forte pra criar valores, ama seu destino (amor-fati) e por isso mesmo, vive o presente, a imanência sem medo de como a vida se apresenta. Uma vez superada a má consciência, vive em paz consigo mesmo.



**REFERÊNCIAS:**

GIACOIA JR, Oswaldo. **Nietzsche Como Psicólogo**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. *Saúde, Doença e Política em Nietzsche*. IN **Revista Estudos Nietzsche**, Espírito santo, v.11, nº 2, 2020.

\_\_\_\_\_. *O Grande Experimento sobre a Oposição entre Eticidade e Autonomia em Nietzsche*. In **Revista Transformação**. São Paulo: UNESP, vol. 12, 1988.

OIVEIRA. Leonardo Camacho. *Nietzsche: O Humano Como Memória E Como Promessa: Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2016 – Vol. 9 – nº 1 – pp.107-115*.

PASCHOAL. Antônio Edmilson. *As Formas Do Ressentimento Na Filosofia De Nietzsche*. PHILÓSOPHOS 13 (1): 11-33, jan./jun. 2008. Acesso: <http://docplayer.com.br/20989362-As-formas-do-ressentimento-na-filosofia-de-nietzsche-antonio-edmilson-paschoal-puc-pr-antonio-paschoal-pucpr-br.html>.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche, Das Forças Cóslicas aos Valores Humanos**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além Do Bem E Do Mal: Prelúdio A Uma Filosofia Do Futuro**. Tradução, Alex Marins. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra: Um Livro Para Todos E Para Ninguém**. Trad. Alex Marins. São Paulo. Ed. Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aurora: Reflexões Sobre Os Preconceitos Morais**. Trad. Mario D. Ferreira Santos. São Paulo: Edigraf/Sagitário, 1947.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: Como Alguém Se Torna O Que É**. Tradução, notas e posfácio Antônio Carlos. São Paulo: Ed. Lafonte, 2017.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Tradução, Antônio Carlos Braga. São Paulo, Ed. Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Genealogia Da Moral: Uma Polêmica**. Tradução, Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado Humano: Um Livro Para Espíritos Livres.** Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala editora, 2007.